

## A ESCRITA NA FÁBULA DE ARQUÍLOCO (FR.185)

Paula Corrêa\*

**RESUMO:** A “skutále” no fragmento 1S5W de Arquíloco suscitou, desde a antigüidade, diversas leituras. Já foi interpretada como sendo uma “mensagem escrita” (cifrada ou não), um “bastão” (que levava de alguma forma a mensagem, ou apenas identificava o mensageiro), e o próprio “mensageiro”. Para ler esses versos que introduzem a “Fábula da Raposa e do Símio” (Fr. 1S5-7) e especificar o significado da palavra nesse contexto, analisamos os sentidos de “aînos” (fábula grega), as fontes do fragmento, os testemunhos da “skutále”, e outras formas de despachos na Grécia arcaica.

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita; fábula; lírica grega arcaica.

Sabe-se que a escrita havia sido reintroduzida na Grécia no oitavo século a. C. e que, em passagem controvertida da *Ilíada* (6.168), talvez os “sinais lúgubres” aos quais o acdo se refere façam alusão a esses novos sinais gráficos. Desde o período alexandrino, até o moderno, persiste uma discussão sobre a natureza desses sinais: seriam apenas marcas mnemônicas, os sinais do linear B, ou as novas letras do alfabeto recém introduzido? De qualquer forma, pelo menos um século mais tarde, é certo que Arquíloco de Paros, se não a dominava, estaria no mínimo a par desta nova tecnologia. Temos por evidência a inscrição em alfabeto arcaico da lápide que pertencera a Glauco, filho de Leptines, o companheiro citado pelo menos cinco vezes pelo poeta<sup>1</sup>.

Se Arquíloco sabia escrever e/ou ler, e se teria redigido seus próprios poemas, são questões que dificilmente algum dia seremos capazes de responder. Podemos apenas optar entre hipóteses que nos parecem mais ou menos verossímeis. Dentre essas, dado o estilo dos fragmentos que nos

\* Universidade de São Paulo - USP.

1 Fr. 15, 48.7, (96), 105.1, 117, 131.1W. Cf. Pouilloux (1955, p.74ss).

restaram, e pelo que sabemos dos poetas inseridos em cultura basicamente oral, como seria a do período arcaico, é provável que a composição dos poemas se desse oralmente, sendo eles transcritos mais tarde por um escriba que os soubesse de cor, ou ao qual os versos foram ditados. Ou, ainda, nada impede que tenham sido registrados, após sua composição, pela mão do próprio poeta<sup>2</sup>.

Possuímos, além da evidência externa da lápide de Glauco, um fragmento de Arquíloco no qual parece haver referência à escrita, isto é, a um de seus suportes materiais. Esta é, ao menos, a leitura tradicional que se faz da *akhnuméne skutále* (*\_cnum\_nh skut\_lh*), presente nos dois primeiros versos que introduzem a *Fábula da Raposa e do Símio* (Fr. 185-7W). No entanto, o que a *aknuméne skutále* significa exatamente, e a que (ou a quem) se refere, tem sido um problema desde o período alexandrino.

Assim, para tratar especificamente da escrita em Arquíloco, e das questões que a *skutále* envolve, comentaremos o início do fragmento 185W:

v.1 *\_r\_w tin' \_min a\_non, \_Khruk\_dh,*  
*\_cnum\_n\_skut\_l\_*

*Contar-vos-ei uma fábula, ó filho do arauto,*  
*triste mensagem*

Os dois versos não apresentam maiores dificuldades – exceto pela própria *akhnuméne skutále* que será discutida adiante<sup>3</sup>. Quanto aos fragmentos

2 Segundo Barron, J. P. & P. E. Easterling (1989, p. 87), “a maioria dos estudiosos acredita que Arquíloco era poeta letrado”. Gentili (1988, p. 20), ao contrário, argumenta a favor de uma composição e transmissão oral dos poemas.

3 Os editores (Liebel 1812; Schneidewin 1838; Bergk 1882, 19152; Hiller 1890; Hoffmann 1898; Diehl 1926; Edmonds 1931; Treu 1959; Tarditi 1968; Lasserre-Bonnard 1968) trazem *\_μ\_v* e não *\_μιν*, como em West 19892. *Κηρυκ\_δη* de Amônio é accito por todos (cf. *Κηρυδ\_κη* presente em outras fontes); e o único adotar *\_χρυμ\_v\_ σκυτ\_λ\_* do texto de Epimer: in Hom. (*An Par.* iii.371.14 Cramer) e Apostólio (praef. Paroem. Cr. ii.236.6) foi West. Os demais optaram pelo nominativo presente em todas outras fontes. Page (1964, p.141) deixa *\_χρυμ\_vη σκυτ\_λη* no nominativo, porém, entre cruces, afirmando não saber do que se trata.

que pertenceriam ao poema como um todo, e as reconstruções da fábula sugeridas por comentadores e editores, há maiores divergências das quais, agora, não iremos tratar<sup>4</sup>.

## A) O *AÎNOS*

O dístico é citado por Pseudo-Amônio (*de adfîn. vocab. diff.* 18 (p.5 Nickau), editor bizantino do tratado *Sobre vocábulos semelhantes e diversos* (per\_\_moi\_n ka\_diafor\_n lex\_wn)<sup>5</sup>. O *aînos* é aí definido como um discurso mítico de animais e plantas dirigido aos homens, e Pseudo-Amônio cita, como primeiro exemplo, o fragmento 174W de Arquíloco sobre a *Fábula da Raposa e da Águia* e, logo a seguir, o Fr. 185W em questão<sup>6</sup>.

O que é propriamente o *aînos*, traduzido aqui por “fábula” que o “eu” do poema contará ao “filho do arauto” (v.1)? O texto de Pseudo-Amônio (loc. cit.), e as demais fontes que dele dependem (cf. n. 6), o têm como sinônimo de “provérbio”, “máxima”. Mas, após a citação de um *aînos* em Hesíodo (*Erga* 202-3) e em Calímaco (Fr. 194.6-8Pf), respectivamente como exemplos de fábula animal e vegetal, especifica-se o *aînos* como sendo um “provérbio desenvolvido” que, por meio da narrativa, completa o pensamento para exortar e auxiliar os homens. Portanto, o *aînos* seria uma narrativa com função parenética. Nessa linha, quando Aécio Teão (*Progymnasmata* 3) define a fábula como “um *lógos* fictício porém verossímil” (l\_goV yeud\_V e\_kon\_zwn\_l\_qcian), ele nota que os poetas antigos a chamavam de *aînos* por ela conter uma admoestação (*paraínesis*).

4 No entanto, parece indiscutivelmente acertada a hipótese, defendida por todos editores do texto, de que os seis versos do Fr. 185W pertençam, nessa ordem, ao mesmo poema (Cf. contra: Luria, 1930).

5 Esse dicionário de sinônimos, que serviu de fonte para muitos lexicógrafos e comentadores da antiguidade tardia, era obra de Herênio, gramático e historiador grego de Babilônia (séc. I-II d. C.).

6 A fonte de Pseudo-Amônio (loc. cit.) é o primeiro livro de provérbios de Lucio de Tarra (poeta, gramático e retor do séc. I d. C.). Muito semelhantes são os textos presentes nas demais fontes do Fr. 185W: Epimer. in Hom., *An. Par.* iii.371.14 Cramer; Apostol. praef., *Paroem. Gr.* ii.236.6; Eust.in Hom. p.1768.65 ex Eren. Phil.; *El. Gud.* i.48.18 de Stephani.

Nas ocorrências de *aînos* em Homero<sup>7</sup>, trata-se de uma narrativa, um conto, que *geralmente* traz um recado, uma “mensagem para o ouvinte” (Richardson, 1993, p.240). Mas é possível contar uma estória, relatar as aventuras de um terceiro, fazendo seu elogio e o tornando célebre como o Odisseu “de muitos *aînoi*” (pol\_ainoV); ou contar uma estória com um propósito moral, de forma mais ou menos explícita (*Od.* 21.110), em gênero sério ou satírico<sup>8</sup>. De todo modo, *aînos* é sempre um conto carregado de sentidos e cuja mensagem pode ser enigmática. Assim, *aînos* se traduz por “fábula” ou “provérbio” quando sua mensagem tem caráter moral; por “enigma” ou “charada” quando ela é obscura, cifrada<sup>9</sup>.

Nota-se logo a distância que existe entre o *aînos* grego e a *fabula* latina. Em primeiro lugar, o *aînos* não parece constituir um “gênero” propriamente dito. Não discutiremos aqui o momento em que a fábula teria alcançado este estatuto literário, se foi com Esopo (Lasserre, 1984, p.91), ou apenas com Fedro ou Bábrio (Cf. Easter-ling, 1985, p.702; e Perry, 1965, p.xii). Fato é que, em Arquíloco, Hesíodo, e nos demais poetas gregos, tanto nos arcaicos quanto nos clássicos, o *aînos* jamais aparece como uma narrativa completa em si, como as fábulas das coleções posteriores. Ele sempre está inserido em um contexto maior. Desta forma, os poemas jamais se iniciam com a simples narração do *aînos*, mas ele é destacado, isolado, seja por um personagem, seja pelo “eu” lírico que o introduz na apóstrofe, como no dístico inicial deste fragmento 185W (veja também Fr. 168, 172W).

O *aînos*, como dizem os poetas, ou *lógos*, como começa a ser chamado a partir do séc. V a. C. (provavelmente devido à circulação das fábulas em prosa atribuídas a Esopo), encontra-se em diversos gêneros literários como um elemento retórico<sup>10</sup>. Aristóteles (*Retórica* II. 20.1393b22-

7 Cf. *Il.* 23.652, 795; *Od.* 14.508.

8. Veja, por exemplo, *épainos* que significa “louvor”, e *ainíssomai* que é “falar obscuramente por meio de enigmas”. Cf. Sófocles, *Phil.* 1380 (Verdenius, 1962, p.389); Ésquilo, *Ag.* 1482ss.; Eurípides, *Iou.* 430.

9 Hesíodo, *Erga*, 202ss; Arquíloco Fr. 172, 185W; Calímaco Fr. 194.6-8 Pf; cf. LSJ.

10 Hesíodo (*Erga*, 201-12) e Arquíloco (Fr. 174, 185W) empregam o termo *aînos*. Há testemunhos de um “*aînos* cário” em Timocreonte (734 *PMC*) e Simônides (514 *PMC*); mas o que a fonte de Timocreonte

1394a1) classifica estes *lógoi* como pertencentes ao tipo de “exemplo” em que os eventos narrados são fictícios<sup>11</sup>.

Esse recurso, porém, não parece ter sido empregado indiferentemente em qualquer gênero literário. Lasserre (1984, p.67) nota a ausência de fábulas na poesia épica e nos *Ilíios Homéricos*. A seu ver, o recorte se deve à incompatibilidade entre o discurso homérico e o fabular, pois “a conduta do animal na fábula não é heróico” (Lasserre, loc. cit.)<sup>12</sup>. Se o recurso à fábula parece restrito a certos gêneros, a causa disso não seria, porém, a apontada por Lasserre, pois há fábulas nas tragédias de Ésquilo, cuja linguagem também pertence ao registro “elevado” e “heróico”. Todavia, é interessante notar a semelhança formal dos fragmentos de Arquíloco que contêm fábulas. É possível que fossem originalmente associadas a um sub-gênero como, talvez, ao jambo. Pois todas as fábulas de Arquíloco, pelo menos as que nos restaram, encontram-se em epodos jâmbicos, assim como as fábulas versificadas por Calímaco.

Quanto à sua função, o *aínos*, em Arquíloco, é sempre dirigido a uma pessoa/personagem específica, com intenções ao mesmo tempo admoestatórias e satíricas (Hauvette, 1905, p.176). Ao contrário dos *aínoi* em Homero e Hesíodo, o elemento lúdico sempre está presente, como neste poema<sup>13</sup>.

---

(730 *PMG*) chama de “*aínos* cíprio”, o próprio poeta parece chamar de *lógos* (cf. v.1). *Aínos* seria a palavra mais antiga e poética que, no entanto, não entra em desuso quando *lógos* começa a ser empregado no séc. V a. C. Aristófanes, por exemplo, faz uso indiscriminado dos termos: refere-se ora aos *lógoi* (*Pax*. 129), ora *aínoi* (*Av*. 651-3) de Esopo.

11 Segundo Aristóteles (*Retórica* II.20.1393b22-1394a1), entre os tipos de “provas” ( $\pi_{\sigma\tau\epsilon\iota\varsigma}$ ) comuns a toda retórica, há os *exemplos* (par\_-deigma) e *entimemas* ( $\_v\theta_{\mu\eta\mu\alpha}$ ), sendo que os exemplos se dividem entre (1) os que relatam eventos passados, e (2) os que os inventam; este último tipo de exemplo é, por sua vez, subdividido em *comparações* (*parabolaí*) e *fábulas* (*lógoi*). É evidente que estes *lógoi* são “fábulas” pois, segundo Aristóteles, são *lógoi* “como os de Esopo e os líbios” ( $\omicron_{\omicron\nu}\omicron_{\omicron}\_A_{\sigma}\_p\epsilon\iota\omicron\iota\ \kappa\alpha\_{\omicron}\_l\iota\beta\upsilon\kappa\omicron_{\omicron}$ ).

12 No entanto, Lasserre se contradiz quando afirma em outra passagem (1984, p.80) que a fábula “adota ou reflete a moral aristocrática”. Talvez ele tivesse em mente uma das fontes de 185.2W (Lasserre, 1984, p.67): ao comentar a adequação do ritmo ao conteúdo – a elevação de linguagem correspondendo à duração longa do verso – Demétrio (*Sobre o Estilo* 5) diz que o hexâmetro é chamado de verso heróico por ser adequado a temas heróicos, e que “não seria adequado escrever a *Ilíada* de Homero nos versos breves de Arquíloco, como a “*aknuméne skutále*”; pois o verso breve serve para temas menores ou passagens vigorosas”.

13 Cf. West (1988, p.204-5) e Easterling (1985, p.701). Para Nojgaard (1984, p.102), as primeiras fábulas eram sempre sérias, isentas do elemento humorístico.

## B) O ENIGMA DA MENSAGEM

Voltemos ao fragmento 185W e à questão da escrita em Arquíloco. O “eu” inicia o poema afirmando que irá contar um *aînos* a *Kerukídes*, que é mais um nome significativo e um patronímico verossímil<sup>14</sup>, formado de *kêruks* (k\_rux - o “arauto”, mensageiro oficial na guerra ou em relações diplomáticas), e o sufixo *-íde* (\_dh): “filho do arauto”<sup>15</sup>.

No segundo verso, a *akhnuméne skutále* suscitou diversas interpretações e comentários desde o período helenístico. Em primeiro lugar, o que é uma *skutále*? As dificuldades e controvérsias eram tantas, que Apolônio de Rodes a discutiu em sua obra sobre Arquíloco (\_n t\_per\_ \_Arcil\_cou, *apud* Ath. 10.74, 451d); Aristófanes de Bizâncio chegando a escrever um tratado especificamente *Sobre a akhnuméne skutále* (Per\_t\_V\_cnum\_nhV skut\_lhV; Ath. *Deipn.* 3.85c).

Na *Sexta Ode Olímpica* de Píndaro, Eneas, o corifeu, após ser invocado como um “mensageiro fiel” (v.91 \_ggeloV\_rq\_V), é chamado de “*skutála* (mensagem?) das Musas” (v.92 skut\_la Moiss\_n). Escólios explicam a imagem. Entre esses, os dois que citam o verso de Arquíloco pouco esclarecem: dizem apenas que o corifeu é chamado *skutála* por ser “arauto” (*kêruks*) ou “mensageiro” (*ángelos*) das Musas porque arautos são portadores de *skutálai*, e que a expressão *akhnuméne skutále* ocorre nos fragmentos de Arquíloco<sup>16</sup>. Segundo Hesíquio (s.v. skut\_lh Lakwnik\_) e o *Etimologicum Magnum*, que glosa *skutále* por *pínaks* e *déltos*, “era costu-

14 Há pelo menos sete nomes significativos nos fragmentos de Arquíloco: *Lukámbes*, *Neobóile*, *Leófilos*, *Dotáides*, *Selleídes*, *Erasmonídes*, e *Kerukídes*; os últimos quatro sendo “patronímicos”.

15 Cf. Bonanno, M. C. (1980, p.74-78). Para Pouilloux (1964, p.12), trata-se de um nome nobre “cuja formação lembra os que se encontram nas mais antigas listas de magistrados”.

16 *Schol. Pind. Ol.6.15+α* (i.189.17 Dr.): *\_υκ\_μων\_σκ\_ταλα\_Μοισ\_ν : κα\_το\_το\_σημα\_νει\_ο\_ον\_Μουσ\_ν\_ε\_κ\_ρυξ\_δ\_ι\_τ\_σκυταλοφορε\_ν\_το\_ς\_κ\_ρυκας\_περ\_δ\_τ\_ς\_σκυτ\_λης\_κα\_ν\_το\_ς\_Αρχιλ\_χος\_ου\_πομν\_μασιν\_ε\_ρηται\_χνημ\_νη\_σκυτ\_λη.*  
*Schol. Pind. Ol.6.15+ε* (i.190.5 Dr.): *\_υκ\_μων\_σκ\_ταλα\_Μοισ\_ν : τ\_ν\_ε\_κ\_μων\_Μουσ\_ν\_ξ\_ι\_λογε\_ [γγελε\_κα\_]\_κ\_ρυξ\_σκυτ\_λν\_γρ\_κ\_το\_συμβεβηκ\_τος\_λ\_γουσιν\_ς\_κα\_Αρχιλ\_χος\_χνημ\_νη\_σκυτ\_λη.*

me dos lacedemônios usarem a *skutále* (ou o papiro<sup>17</sup>) em vez de tábuas de escrever<sup>18</sup>.

Outros escólios ao verso de Píndaro acrescentam dados mais interessantes, informando-nos como era, como funcionava esta *skutále* lacedemônia. Em três deles (*Schol. Pind. Ol.6.154b, d, f*), a descrição feita é praticamente a mesma que se encontra no *Lisândro* (19.4-7) de Plutarco. Diz-se que, para garantir a autenticidade e sigilo de suas mensagens, os antigos lacedemônios deixavam dois bastões de madeira exatamente do mesmo comprimento e espessura<sup>19</sup>, ou cortavam uma vara homogênea pelo meio. Um deles partia com os governadores enviados às colônias, o outro ficava em Esparta. Quando uma das partes precisava enviar notícias, enrolava uma tira de couro ao redor do bastão (chamado *skutále*), escrevendo nela longitudinalmente. Assim, desenrolada, a faixa contendo o texto escrito era impossível de se ler, a mensagem só podendo ser recuperada por quem tivesse o bastão gêmeo.

Nas outras referências à *skutále* que ocorrem em Aristófanes (*Lys.* 991ss), Tucídides (1.131.1) e Xenofonte (*Hell.* 3.3.8), trata-se sempre de um despacho oficial dos lacedemônios, quer seja o bastão (como em *Lisístrata*), ou a mensagem. Mas esses não explicam seu emprego ou sua natureza.

Que Plutarco (*Lys.* 19.4-7) abra um parêntese em sua narrativa para explicar o que era a *skutále* prova que poucos, em sua época, tinham memória ou conhecimento do que seria exatamente essa *skutále* lacônica<sup>20</sup> – embora o verso de Arquíloco (*akhnuméne skutále*), segundo Diogeniano 3.25 (Paroem. Gr. i.217.10) e Apostólio 4.68 (Paroem. Gr. ii.323.8), te-

17 Hesíquio, sv. σκυτ\_λη Λακωνικ\_ : π\_ τ\_ν \_γγελιαφ\_ρων τ\_σσεται. \_θος γ\_ρ \_ν \_ρχα\_ον τ\_ χρ\_σασθαι τα\_ς σκυτ\_λαις < ντ\_ > τ\_ν παρ\_Ελλησι γραμματε\_ων κα\_βιβλ\_ων.

18 *Et. Μαγν.* σκυτ\_λη: π\_ναξ, δ\_λτος. \_θος δ\_ Λακεδαιμον\_οις χρ\_σθαι σκυτ\_λ\_ \_ντ\_ τ\_ν γραμματε\_ων.

19 *Skutále* era também o nome de uma cobra cujo corpo tinha espessura homogênea (Nic. *Th.* 384).

20 Em Plutarco (loc. cit.), porém, a tira que se enrola no bastão é um papiro “semelhante a uma tira de couro” (βιβλ\_ον \_σπερ \_μ\_ντα).

nha se tornado uma expressão proverbial para os “mensageiros de más notícias”<sup>21</sup>.

Relendo agora os versos de Arquíloco, torna-se evidente a relação entre o *aînos* (a narrativa com mensagem enigmática/parenética), o destinatário, chamado de “filho do arauto”, e a “triste *skutále*” que, como nota Plutarco (loc. cit.), podia ser tanto o bastão de mensagens cifradas, como as próprias mensagens. O problema é saber se, no poema, a *akhnuméne skutále* está em aposição ao “filho do arauto”, ao “eu” lírico que assim se denomina ou, ainda, se estaria no dativo, associado ao *aînos*: uma fábula “em triste missiva”<sup>22</sup>.

Sem poder decidir qual seria a opção certa, a mais interessante parece ser a segunda: o “eu” lírico apresenta-se como um bastão de mensagens cifradas que irá narrar o *aînos*, seu relato enigmático, em primeira pessoa aos ouvintes e, especificamente, ao “filho do arauto”. A idéia não é bizarra se pensarmos nos primeiros usos da escrita na Grécia antiga, e nos chamados “objetos falantes”, comuns no período arcaico, cujas inscrições “falam” com leitor em primeira pessoa.

Um exemplo célebre de “objeto falante” é a “taça de Nestor” (séc. VIII a. C.) que “diz”: “Sou a deliciosa taça de Nestor. Aquela que beber dessa taça será tomado pelo desejo da belamente coroada Afrodite”. Há várias peças de cerâmica com inscrições desse tipo, “pertencço a...”, ou “fulano me fez...”; além das lápides e estátuas que também interpelam os transeuntes. Como diz Thomas (1992, p. 56-65), “A escrita grega arcaica parece estar, portanto, em grande medida a serviço da fala, repetindo versos, fazendo com que objetos possam “falar” como se fossem animados...”.

21 Diogen. 3.25 (Paroem. Gr. i.217.10):  $\chi\upsilon\mu\ \nu\eta\ \sigma\kappa\upsilon\tau\ \lambda\eta\nu\ \pi\ \tau\ \nu\ \lambda\upsilon\pi\eta\rho\ \varsigma\ \gamma\eta\lambda\ \alpha\varsigma\ \gamma\eta\lambda\lambda\ \nu\tau\omega\nu$ . O texto em Apostólio (loc. cit.) é quase idêntico. Em Plutarco (*sept. sap. conv.* 8 p.152c), que é uma das fontes do verso, a expressão é empregada proverbialmente para uma carta cujo texto é enigmático.

22 Liébel (1812) julgava ser Arquíloco o “núncio infeliz”, que porta más notícias (cf. também Lasserre, 1934, p.74; Campbell, 1983, p.255). Em vista do adjetivo, West (1988, p.47) acredita que a *skutále* pode referir-se a *Kerkídes* ou a Arquíloco, e opta pelo segundo: “his  $\alpha\ \nu\omicron\varsigma$  does not simply express his own fancy or prejudice, but conveys a message entrusted to him by others”. Para Bonanno (1980, p.78) é metonímia em aposição ao “filho do arauto”.

Quanto à sua função, aqui, como nos outros fragmentos jâmbicos de Arquíloco, o *aînos* estaria sendo usado como arma contra seus inimigos. Assim, para os que sabem, a sátira contida no *aînos* da *Raposa e do Símio* é clara; aos demais, a nós, ela cala – pois não temos o bastão gêmeo para desvendá-la<sup>23</sup>.

Tal leitura pressupõe os sentidos de *aînos* discutidos acima, o patronímico satírico e os comentários helenísticos e bizantinos sobre a *skutále*. Esses últimos foram estudados por Stephanie West (1988) em um artigo que trata especificamente da *skutále* em Arquíloco. Ela conclui que essas fontes não podem ser usadas para uma interpretação dos versos de Arquíloco porque são tardias e, se a escrita foi reintroduzida na Grécia no séc. VIII, seria ainda muito cedo para haver criptografia na época de Arquíloco; a escrita em si já seria decifrada por poucos (West, 1988, p.42). Assim, a *skutále* de Arquíloco nada teria a ver com a escrita.

Baseando-se em fontes em que a *skutále* é descrita como o bastão e não a mensagem<sup>24</sup>, West (1988, p.44, 46) diz tratar-se de uma “reliquia da antiga cultura oral”: seria um pedaço de madeira que serviria de *símbolon* (“tally-stick”), conferindo autenticidade ao mensageiro, e que, talvez inscrito com marcas pictóricas, o ajudaria recordar sua mensagem. Mas a autora não leva em conta o verso de Píndaro, nem os escólios e fontes que indicam a possível transferência de sentidos da *skutále* que pode referir-se ao bastão, à mensagem, ou ao próprio mensageiro que os levava. Outras evidências a que recorre são externas: uma passagem de Isócrates (12 *Panath.* 209), segundo o qual os espartanos davam pouco valor à escrita; e a reputação que tinham de ser conservadores, o que teria atrasado o avanço da escrita na Lacônia. A esses testemunhos do analfabetismo espartano, poderíamos somar os comentários nos *Dissoi Lógoi* (90 F 2.10 DK) e em Platão (*Protágoras* 342a).

---

23 Hesíodo (*Erga* 202ss) conta um *aînos* para reis, mas só para os que “entendem” (φρονουσιν).

24 Cf. Diosc. *Hist.* 4 (para o “tally-stick”); parte do escólio *Ol.* 6.15+f; e Hesíquio (s.v.), onde parece que escreviam na própria *skutále*.

No entanto, é importante lembrar que essas imputações feitas no quinto século por atenienses contra espartanos estão, no mínimo, carregadas de chauvinismo<sup>25</sup>. Além disso, no período arcaico, o ambiente cultural em Esparta era bem diverso, florescendo com poetas e músicos, locais e estrangeiros (Álcman, Terpândro e Tirteu). Se os espartanos não publicavam leis e documentos, por outro lado, sua diplomacia era a mais desenvolvida em toda Grécia (Cartledge, 1978, p.30). Em Heródoto (7.239), a estória da mensagem enviada por Demarato é exemplo do engenho espartano quando se tratava de despachos secretos entre comandantes<sup>26</sup>.

Portanto, se aceitarmos a hipótese de Jeffery (1961, p.57-8) de que a escrita foi introduzida em Esparta no séc. VIII, e que o suporte material mais comum na época era o couro<sup>27</sup>, não seria impossível que, um século mais tarde, para fins diplomáticos e estratégicos, enviassem mensagens em *skutálai*. Que a *skutále* no período arcaico fosse apenas um sistema em que a mensagem era escrita sobre o couro e depois enrolada no bastão para simples transporte, (como sugere Jeffery, loc. cit.), e não a técnica de cifrar transmitida pelas fontes helenísticas, é também possível. Isto depende do grau de sofisticação que se queira conceder aos espartanos do séc. VII a. C.

Sugerimos, portanto, que nesse dístico o “cu lírico”, chamando-se de *skutále*, uma mensagem escrita, conta em primeira pessoa, ao “filho do arauto” que o lê, uma triste fábula. Essa interpretação, porém, assim como as outras, não resolve o enigma. E a estória permanece cifrada, se não por estar na *skutále*, certamente por ser *aînos*.

---

25 Além da *skutále*, Harvey (1966, p.625) arrola evidências de que os espartanos eram letrados: 1. cartas enviadas por comandantes (Th. 8.33.3), 2. o registro de respostas delficas (Hdt. 6.57.4), 3. livros (Estrabão 8.5.5), e 4. tratados escritos e exibidos publicamente (Th. 5.77.79; 5.18.10).

26 Demarato teria raspado a cera da tábua de escrever, inscrito a mensagem secreta na própria madeira e recoberto a tábua, levando o portador a crer que não levava mensagem alguma.

27 Os *Pythioi* teriam trazido de Delfos oráculos inscritos em tiras de couro (cf. Eur. fr.627 Nauck).

**ABSTRACT:** Since antiquity, the "skutále" in Archilochus (Fr. 185W) has led to different interpretations. It has been considered as a "written message" (encoded or not), as a message-stick (which somehow bore the message or only served as the messenger's credentials), or as the messenger himself. In order to read these verses which introduce the "Fable of the Fox and the Monkey" (Fr. 185-7), and to specify the meaning of the word in this context, the uses of "aĩnos" (greek "fabula"), the fragment's sources, ancient evidence of the "skutále" and other forms of dispatches are analyzed.

**KEYWORDS:** literacy, fable, ancient greek lyric.

## BIBLIOGRAFIA

Edições de Arqúflocó

BERCK, T. *Poetae Lyrici Graeci*. vol II. Leipzig: 1882 (1915)<sup>4</sup>.

CAMPBELL, D. A. *Greek Lyric Poetry: A Selection of Early Greek Lyric, Elegiac and Iambic Poetry*. Bristol: 1982.

DIEHL, E. (ed.) *Anthologia Lyrica Graeca*. Leipzig: 1926<sup>1</sup>, 1936<sup>2</sup>, 1952<sup>3</sup>.

EDMONDS, J. M. *Greek Elegy and Iambus*. London: 1931.

HILLER, E. *Anthologia Lyrica Graeca sive Lyricorum Graecorum Veterum praeter Pindarum*. Leipzig: 1890.

HOFFMANN, O. *Die Griechischen Dialekte In Ihrem Historischen Zusammenhange* (vol 3): *Der Ionische Dialekt*. Göttingen: 1898.

LASSERRE, F. *Les Épodes d' Archiloque*. Paris: 1950.

LASSERRE, F. e BONNARD, A. *Archiloque: Fragments*. Paris: 1968.

LIEBEL, I. *Archilochi Reliquiae*. Leipzig: 1812.

SCHNEIDEWIN, F. G. *Delectus Poesis Graecorum Elegiacae, Iambicae, Melicae*. Göttingen: 1838.

TARDITI, G. *Archiloco*. Roma: 1968.

TREU, M. *Archilochos*. München: 1959.

- CORRÊA, Paula. *A escrita na fábula de Arquíloco (Fr. 185)*.
- WEST, M. L. *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati I*. Oxford: 1971<sup>1</sup>, 1989<sup>2</sup>.
- BARRON, J. P. & EASTERLING, P. E. "Archilochus" em *The Cambridge History of Classical Literature I. Greek Literature*. Ed. P. E. Easterling e B. M. W. Knox. Cambridge: 1985.
- BONANNO, M. G. "Nomi e soprannomi archilochei". *MH* 37 (1980) 65-88.P.
- CAMPBELL, D. A. *The Golden Lyre; the Themes of the Greek Lyric Poets*. London: 1983.
- CARTLEDGE, P. "Literacy in the Spartan Oligarchy" *JHS* 68 (1978) 25-37.
- EASTERLING, P. E. "Fable" em *The Cambridge History of Classical Literature I. Greek Literature*. Ed. P. E. Easterling e B. M. W. Knox. Cambridge: 1985.
- GENTILI, B. *Poetry and its Public in Ancient Greece from Homer to the Fifth Century*. Trad. A. T. Cole. Baltimore & London: 1988.
- HARVEY, F. D. "Literacy in the Athenian Democracy" *REG* 79 (1966) 585-635.
- HAUVETTE, A. *Archiloque, sa vie et ses poésies*. Paris: 1905.
- JEFFERY, L. H. *The Local Scripts of Archaic Greece*. Oxford: 1961.
- LASSERRE, F. "La fable en Grèce dans la poésie archaïque" in *La Fable, Entretiens sur l'Antiquité Classique XXX*, pp.61-104, Vandoevres-Genève: 1984.
- LURIA, S. "Der Affe des Archilochos und die Brautwerbung des Hippokleides" *Philologus* 85 (1930) 1-22.
- NOJGAARD, M. "La moralisation de la fable: d'Ésope à Romulus" in *La Fable, Entretiens sur l'Antiquité Classique XXX*, pp. 225-252, Vandoevres-Genève: 1984.
- PAGE, D. L. "Archilochus and the Oral Tradition." em *Archiloque, Entretiens sur l'antiquité classique X*. Genève: 1964, p.117-64.
- PERRY, B. E. *Babrius and Phaedrus*. London: 1965.
- POUILLOUX, J. "Archiloque et Thasos: Histoire et Poésie" em *Archiloque, Entretiens sur l'antiquité classique X*. Genève: 1964, p.117-64.
- RICHARDSON, N. *The Iliad: A Commentary: Vol. VI: books 21-24*. Editor geral: G. S. Kirk. Cambridge: 1993.

THOMAS, R. *Literacy and Orality in Ancient Greece*. Cambridge: 1992.

VERDENIUS, W. J. "AINOS". *Mnemosyne* 4, vol.15 (1962) 389.

WEST, M. L. "The Ascription of Fables to Aesop in Archaic and Classical Greece", in *La Fable, Entretiens sur l'Antiquité Classique XXX*, pp.105-136, Vandoevres-Genève: 1984.

WEST, S. "Archilochus' Message-stick" *CQ* 38 (1988) 42-48.